

## Sobre NOTÍCIAS que fazem uma HISTÓRIA

*The Editor of the Cultural Bulletin of the Antonio de Noli Academic Society, Marcel Balla, interviews Anthropologist and writer Gláucia Nogueira on her new book “Notícias que fazem uma História”, recently published (Portuguese) in Cape Verde.*

A seguinte é uma entrevista entre a Senhora Gláucia Nogueira e o Senhor Balla sobre o seu livro “ Notícias que fazem uma História,” recentemente publicado em Cabo Verde. Neste livro, a Senhora Gláucia escrevia sobre as relações entre a música brasileira e cabo-verdiana.

---

1. Porque só na última década do século XX a música cabo-verdiana começou a ser conhecida no Brasil?

Não é só no Brasil, é em todo o mundo. O fenómeno Cesária Évora, o sucesso mundial desta cantora puseram realmente Cabo Verde no mapa. Em muitos países onde nunca se tinha ouvido falar de Cabo Verde, hoje sabe-se que esse país existe porque é o país de Cesária Évora.

2. Pedro Cardoso falou sobre as relações directas entre o Brasil e São Vicente (Porto Grande). Porque a seu ver foi só Porto Grande e não o porto da Praia que teve relações com o Brasil?

A ilha de S. Vicente, naquela época, era um ponto importante na rota dos navios que transitavam entre a Europa e a América, ou a Europa e outras regiões do hemisfério Sul, devido à possibilidade de abastecimento, manutenção, etc. Era lá que estavam instalados os armazéns ingleses de fornecimento de carvão para a navegação a vapor. Então era uma parada obrigatória. A Praia parece que estava fora desse circuito. A sua vocação económica não era, como era o caso de S. Vicente, servir de ponto de apoio à navegação.

3. Está a falar sobre influências do Brasil para Cabo Verde. Eu pessoalmente conheço muitos cabo-verdianos que descrevem Cabo Verde como um Brasil pequeno. O que pensa sobre isso? As influências são do Brasil para Cabo Verde ou no inverso de Cabo Verde para o Brasil?

Certamente que uma parte da população brasileira tem origem em Cabo Verde, assim como outros grupos de brasileiros têm os seus ancestrais em regiões da África que correspondem ao que é hoje Angola, Benin, Nigéria, etc. Mas enquanto algumas culturas mantiveram traços fortes que estão até hoje vivos e são constitutivos da própria cultura brasileira, em outros casos essa influência é mais diluída. Não tenho um exemplo para citar: isso é influência de Cabo Verde no Brasil. Tendo em conta a história comum da colonização portuguesa, penso que há algumas semelhanças, e aspectos semelhantes que se desenvolveram num lado e noutro do Atlântico de forma paralela. Agora, sobre a influência cultural do Brasil em Cabo Verde, temos muitos exemplos ao longo do tempo, no que diz respeito à entrada de livros, discos, músicas pela rádio, etc. Mesmo hoje em dia isso é notório, agora também com muitos produtos de consumo, como roupas, carros, alimentação, entre outros.

4. Também falou sobre B.Léza e a música de Carnaval. Pensa que há uma relação entre o Carnaval e os músicos cabo-verdianos?

B.Léza adorava o Carnaval (tinha um grupo, compunha músicas), entre outras coisas brasileiras que ele admirava. A forma como o Carnaval em Cabo Verde (sobretudo no Mindelo) se estruturou, com os desfiles de escolas de samba, tal como acontece no Rio de Janeiro, é uma das influências brasileiras no aspecto cultural. Mas note-se que ela é quase simultânea ao aparecimento dessa forma de festejar o Carnaval no próprio Brasil – por volta dos anos 30. Há quem diga que o Carnaval de S. Vicente é uma cópia desse Carnaval do Rio (que aliás não é o único do Brasil; há outras formas). Isso não é verdade. Os grupos e os compositores do Mindelo criaram um estilo próprio, mais próximo das antigas marchas de Carnaval (que no Brasil já quase não existem) do que do samba. Os grupos cabo-verdianos não cantam sambas-enredo, que é um tipo de samba específico para o desfile de Carnaval. O Carnaval cabo-verdiano não é uma cópia, é algo que evoluiu para uma forma própria.

5. Lembro-me que nos anos 50 havia muitos discos cabo-verdianos que tinham fortes relações com a América Latina. Parece-me que provavelmente isso fosse porque existia uma forte relação entre a música brasileira e cabo-verdiana. O que pensa sobre isso?

Nessa época, os ritmos latino-americanos como a rumba, a cumbia e outros faziam sucesso no mundo todo, e a África não ficou à margem disso. Muito provavelmente, o contacto dos músicos cabo-verdianos com essa música que era moda na altura deu-se em Dakar, onde viveram durante algum tempo as pessoas que vieram a fazer parte do grupo Voz de Cabo

Verde. Há quem afirme que a coladeira sofreu essa influência latino-americana. As músicas brasileiras que entravam em Cabo Verde nessa época eram sobretudo o samba-canção e as serestas, tipos de música de andamento lento, próximos da morna. E também o samba.

6. Achei muito interessante a informação que nos dá no seu livro sobre a visita a Cabo Verde do jornalista Arnon de Mello e os comentários dele no artigo "O Brasil em Cabo Verde", em que refere as afinidades entre ambos, referindo o samba e a morna. Na sua opinião, onde estão os raízes do samba e da morna?

Prefiro não responder de forma superficial, pois há estudos sobre isso. Mas o que ressalta é que, embora com origens – mais ou menos remotas – na África, como aliás as populações dos dois países, a verdade é que são criações locais, em alguma medida híbridas, e que com o tempo foram, e vão, sofrendo mudanças. Deixa de ter importância onde estão essas raízes, o que realmente interessa, o que conta a história dos gêneros musicais é o seu próprio percurso enquanto criação e recriação por aqueles que os produzem e vi venciam.

7. Estamos a recriar hoje novas relações entre o Brasil e Cabo Verde com os Voos da Amizade ou algo semelhante. Esta ideia tem futuro? Porque? Mais tarde vamos seguir com este papel?

Essa coisa dos voos da amizade aconteceu nos anos 60, não sei exactamente no âmbito de que política da altura ou se era simplesmente o interesse comercial da companhia (Varig, que já não existe). Hoje, depois de muitos anos sem que o Brasil se interessasse por Cabo Verde efectivamente, cada vez mais as relações são económicas, e Cabo Verde passa a ser visto como um trampolim para as empresas brasileiras alcançarem os mercados africanos. Mas isso ainda é pouco divulgado no Brasil, acho que há muito por fazer. Os brasileiros praticamente desconhecem Cabo Verde e a África. Agora por causa do mundial de futebol sabem que existe a África do Sul, mas muita gente não sabe que é um país dentro de um continente. Se você diz "Cabo Verde, na África", eles pensam que é na África do Sul! Fui pôr uma carta no correio para Cabo Verde e indiquei: África Ocidental. O sistema informático não aceitava, a única África que aparecia era a do Sul.

8. Falou sobre a PIDE e a proibição da música cabo-verdiana/brasileira no arquipélago com a capa que trazia uma fotografia de Waldemar e Humbertona na altura já conotados com o

PAIGC, além de texto bastante politizado. Isso é uma coisa pouco conhecida pelos historiadores de Cabo Verde. Há muita relação entre a música cabo-verdiana e a luta pela independência?

Sim, há muitas relações. Esse disco do Humbertona e Waldemar Lopes da Silva é um exemplo. Aliás, ele foi gravado na Holanda, onde o Sr. Djunga de Biluca, responsável da Morabeza Records (editora com papel importante na produção discográfica cabo-verdiana a partir dos anos 60) era o representante do PAIGC. Depois houve os 2 discos (um com poemas e outro com músicas) produzidos por militantes da luta de libertação, também gravados na Holanda. Em França, por exemplo, surge o grupo Kaoguiamo e também um outro integrando imigrantes, iniciativas dos irmãos Tony Lima e Jorge Lima. Há vários exemplos. Pode-se citar também exemplos de nomes importantes na luta de libertação, como Abílio Duarte e José Araújo, que compuseram músicas nesse contexto.

Muito obrigado pelas suas respostas que parece-me dever ser um tema importante para investigar; as ligações entre a cultura musical e a história e a política em Cabo Verde.

Marcel Balla. Lisbon, 7 May 2010